

O BATE ESTRADAS

Informativo do NANAMUE

Grupo Nacala-Nampula-Mueda & Outros

Nº 31 Ano 5 Abril / Maio 2007



**ALMOÇO CONVÍVIO
PALMELA
27/05/2007
COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS**

EDITORIAL

Foi de arromba o convívio em Viseu e sempre com rapaziada que pela primeira vez chega junto de nós o que é um prazer enorme. Mais uma vez o Jorginho da Viola, está de parabéns bem como a sua Lurdes pelo trabalho organizativo que tiveram para nos prestar um dia memorável.

Vieram de Nova Freixo os melhores, bem como de Tete, mas ainda não são suficientes, com o tempo ir-se-ão habituando a comparecer nos nossos convívios. O prazer é nosso, venham.

Apraz registar que não houve “orelhas moucas” ao pedido de ajuda financeira e assim é que é bonito. Ficámos contentes, pois a rapaziada fez o possível para minorar o saldo negativo.

Um louvor muito grande ao Miguel Parada que na ausência do António Henrique, fez um trabalho formidável e interessadíssimo em que tudo fosse pelo melhor. Este já não sai da Organização do Grupo, nós não queremos.

Vamos seguindo com atenção o livro de visitas do sítio na net e ficamos muito felizes pelo que ali se escreve, em boa hora o Abdul Osman, lançou mãos à obra para criar o nosso cantinho.

Temos mais um convívio dia 27 de Maio e esperamos que tudo saia como sempre, feliz e cheio de recordações.

O GUARDA DO COFRE

Não me foi possível estar presente em Viseu, mas pelo que contaram e pelas continhas tão bem feitas, só tenho que concluir que o Miguel Parada fez um trabalho de alta categoria. Muito obrigadinho. E agora já posso respirar de alívio, pois já tenho quem ajude a tratar dos bolsos à rapaziada.

Olha que os rapazinhos foram bastante generosos nas ofertas e colocaram as coisas menos negras, obrigadinho ò malta.

Até dia 27 e não esqueçam que o saldo ainda é muito NEGATIVO.

Movimento	Receita	Despesa	Saldo
Saldo Anterior			-921,90 NEGATIVO
Vendas	150,00		
Almoços	2.900,00		
Diversas ajudas	110,00		
Selos	265,00		
Camionetas		950,00	
Almoços		2.000,00	
Tipografia		100,00	
Selos 31º informativo		265,20	
Novo Saldo			-812,10 NEGATIVO

Antonio Henrique

CONVIVIO 27 DE MAIO (DOMINGO) EM PALMELA

SAIDA DE ESPOSENDE PELAS 07.30 HORAS, PASSANDO EM PORTO E COIMBRA EM AUTOCARRO 30,00 P/PESSOA

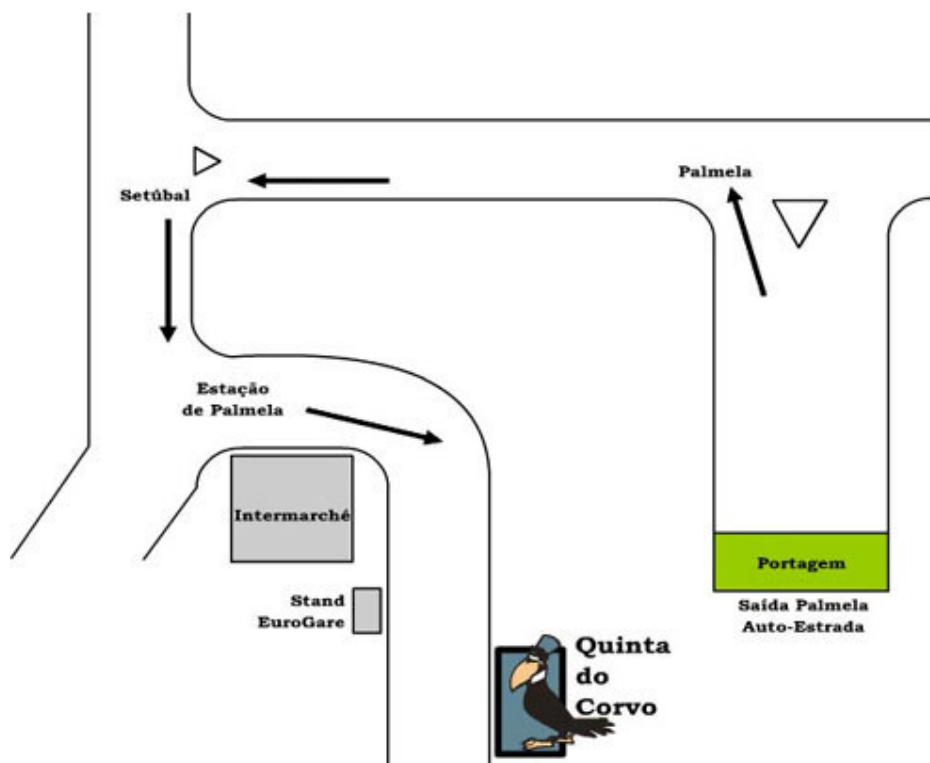
CONTACTAR FERREIRA 966780711

SAIDA DE LISBOA PELAS 09,00 HORAS, PORTA DA FEIRA POPULAR 30,00 P/PESSOA

CONTACTAR LUIS HENRIQUE 214194404 OU 963073637

DESLOCAÇÃO EM TRANSPORTE PROPRIO 25,00 P/PESSOA

A TUA MULHER TAMBEM FAZ PARTE DO NOSSO GRUPO E FICA MUITO BEM JUNTO DE NÓS



HOJE DIGO EU

18 de Janeiro 1974

Depois de me ambientar ao AB 5, com um mês na linha da frente lá me disseram que ia fazer um destacamento de três meses a Mueda (AM 52).

Com a curiosidade normal de quem tem um mês de Moçambique, perguntei ao pessoal como era a base, a resposta foi pronta:

- Igual a Nacala.

De malas aviadas, lá fui eu no primeiro Nord Atlas com destino a Mueda.

Na aproximação à pista olhei pela janela do avião e só vejo:

As palhotas do aldeamento, o AM 52, arame farpado e mato... a primeira impressão foi de admiração e medo, pois pensei que o que estava a ver era igual ao que vi nos filmes de guerra. Senti que fui enganado pelos “velhos de Nacala”. Assim foi a minha chegada ao planalto dos Macondes... Capital e Santuário da guerra.

Quando saí do avião, já estava o pessoal à espera do cheka. Logo ali na placa o meu amigo Madureira conhecido pelo “Secas” o tal que se perdia no meio do musseque e para achá-lo só no meio das “morenas”, veio dar-me as dicas de como passar o tempo nesta terra de Macondes.

De seguida fui apresentar-me ao comandante major Afonso e aos chefes da secção maeq sargentos: Teixeira e Gonçalves este meu mentor no helicóptero.

Depois das boas vindas o Teixeira perguntou:

- Já andaste de hélio?

- Não, respondi eu.

Continuaram:

- Então hoje vai fazer o revis.

- O que é revis?

- É passear de hélio!

Ao que retorqui cheio de medo:

- Eu não vou! Pois vim para trabalhar nos fiat's e não nos hélios.

Mas quem manda pode, e mentalizei-me, para a minha primeira aventura.

Senti que o pessoal dos “Índios” estava com cara de caso, e fiquei intrigado. Fui, aprender, a montar, desmontar e manusear varias vezes o canhão com o Gonçalves.

Às 16h30 depois de me chamarem várias vezes, já com o hélio a trabalhar e o alf. Carreiro “Velho” com as suas famosas barbas à Che Guevara a bordo, lá fui eu a tremer para a minha primeira missão.

Levantamos voo em direcção ao fundo da pista, sobrevoamos o perímetro de Mueda e Vale de Miteda com umas piruetas à mistura, para ver se eu enjoava, mas acabei por me dar bem com a situação.

Ao fim de algum tempo passamos por cima de um pelotão do exército, que estava em patrulhamento no perímetro, de imediato os mandamos identificar e que fizessem fumo para assim fazermos fogo real com o canhão.

Quis o meu amigo Carreira, que eu disparasse para um alvo. Como era a primeira vez que disparava, fiquei a tremer e tiro saiu de rajada.

Então, ele como era seu hábito, muito calmo disse-me:

- Não te enerves, e carrega no gatilho, com menos pressão e devagar.

Já calmo, e ao fim de alguns disparos, lá consegui manusear o brinquedo e disparar, só alguns tiros, (pois dar tiro a tiro é algo que só com treino e alguma experiência se consegue.)

Quando aterramos, vi a desilusão na cara dos meus companheiros, pois eu não tinha enjoado, e por isso não tinha de pagar a grade de cerveja que todos esperavam, mas que eu desconhecia, assim como o julgamento da praxe, que me foi feito nessa noite. Ao outro dia, fui fazer a minha primeira ronda à base, com o meu amigo “Secas”.

Todo entusiasmado, e com a “costureirinha” em riste, caminhei para junto do arame farpado, ao que o “Secas” começou a berrar e dizer-me:

- Tu és maluco! Então não vês que, com os holofotes a dar-te em cima, os “Turras” que andam do outro lado da mata, podem ver-te, e tas sujeito a levar um tiro!

Que dizer ou pensar... era pura ignorância de quem vem para a guerra como se fosse para umas férias.

Penso que todos os rapazes que estiveram naquela guerra, eram a principio todos inexperientes, só ao fim de algum tempo de adaptação é que sabíamos o que era a guerra e então entrávamos na realidade nua e crua. Como foi o caso do ataque do 20 de Janeiro, que foi a minha primeira experiência de guerra e o medo que me deu, pois pensei que era o meu último dia de vida.

Zé Luís / 1º cabo MAEQ

A MAQUINA DO TEMPO

Sobrevoando o Passado VI

Les Enfants Terribles

Decorria a época pascal de 1969 e, como é normal num país católico como o nosso, as tradições foram mantidas. Assim sendo, o nosso capelão, o Padre Serafim, Alferes de patente militar, preparou para a Sexta-feira Santa uma reunião com todo o pessoal em serviço na Base. Saiu na “ordem de serviço” a respectiva convocação, mas com as diferenças devidamente demarcadas e a horas distintas consoante fossem Praças, Sargentos ou Oficiais. Local e hora da reunião: refeitório 11 horas. Antes do Padre Serafim iniciar a sua palestra, foi-lhe pedida a devida autorização para lhe ser feita uma pergunta. Autorização concedida. E ela aí vai, da autoria do nosso amigo Luís Filipe Lopes, vulgo C... da mãe: «O Sr. pode dizer-nos, perante Deus, qual é a diferença entre Praças, Sargentos e Oficiais?» Pergunta simples, mas deveras complicada. E vai daí, o nosso capelão começa a meter os pés pelas mãos de tal maneira que outras perguntas começam a chover em catadupa. Recordo que o homem proferiu uma frase que jamais esquecerei: « (...) vocês deveriam estar agradecidos ao governo por vos ter proporcionado o conhecimento de terras que de outra maneira nunca conheceriam.» Toma lá para te curares! INGRATOS! As coisas continuaram acesas e o Sr. Padre acabou por nos chamar a atenção: «(...)se não me têm respeito como padre têm de o ter como Oficial.» E vai daí, pôs toda a nossa rapaziada na rua! Apontando o caminho da porta, gritava: «Especialistas para a rua!». E nós, como bem mandados que éramos, obedecemos.

No Domingo de Páscoa, após o pequeno-almoço, tomado por muitos de nós no nosso Bar, e, antes de chegar a camioneta que nos levaria para a magnífica praia de Fernão Veloso, deparamo-nos com a chegada do nosso Padre Serafim que se fazia acompanhar do respectivo sacristão, o qual vinha com a missão de cumprir o que é normal no Domingo de Páscoa, ou seja, o tradicional “compasso”. Irrompeu pela camarata, neste caso a de cima, e, dando cumprimento à tradição, dava o seu crucifixo a beijar. Lembro-me perfeitamente que consegui a anuência dos dois primeiros companheiros. A terceira pessoa era este vosso humilde escriba que, como dá para perceber no início desta crónica, deu-lhe um rotundo não. Assim, o nosso homem foi caminhando pelos corredores e os “não” foram quase unânimes. Passado à camarata de baixo, o resultado foi semelhante. Assim ficamos. Qual é o nosso espanto quando entram pela camarata dois “valentes malandrecos” envoltos em lençóis! Um, com uma daquelas latas que faziam parte do nosso equipamento para o banho macua e com o pincel da barba, ia sacudindo e molhando quem encontrava pela frente. O outro trazia entre mãos uma daquelas tábuas que nós utilizávamos para escrever à família e às namoradas... lembram-se?... que trazia inscrita uma cruz formada por senhoras sem trajes que tinham sido recortadas da revista que fazia companhia à malta: a Playboy. O “nosso pequeno” dava a cruz formada pelas ditas cujas aos respectivos beijinhos. Relato-vos que a aderência foi quase total. Peço desculpa se

eventualmente feri algumas susceptibilidades, mas a minha função foi apenas a de narrar a crónica. Um episódio verídico ocorrido durante a minha permanência em Nacala e tão-somente.

Como é normal nestes casos, a vingança serve-se fria, pois o nosso Padre organizou varias idas à Ilha de Moçambique, e nenhum de nós teve a honra de ser convidado. Houve outra tentativa de nos “lixar” mas dessa vez, escolheu mal o processo. Ora aqui vai. Ele preparava vários atados de jornais e revistas, os quais ia levar à “linha da frente” dirigidos aos “soldados de Mueda”. Mas nós, mal ele virava costas, mudávamos o endereço para os “especialistas de Mueda”. Voltarei.

José Vera

À SOMBRA DA MANGUEIRA NO CAMINHO DA MESSE

Serrano -- M. M. A.
Moçambique 1971 / 1972
Mecânico ALLOUET III

Vocês sabem como era...

Ao dar uma vista de olhos pela minha caderneta de Registo de Serviço Aéreo de Técnico Especialista deparei-me com o registo de um voo; E que voo!

21 / 08 / 1971

Allouet III Muéda	– Base Beira	– Nangade	40 mts.	
9369	Nangade	– Base Beira	– Muéda	45 mts.

Mas antes de começar a resenha, queria tentar situá-los no momento e no local, pois vocês sabem como era!...

Vocês sabem como era naquelas manhãs muito cinzentas de Muéda, com o tecto extremamente baixo. Pôr os Hellis em marcha, rolar na placa ao encontro da pista, descolar, e em voo rápido e rasante, percorre-la a todo o comprimento até ao fim do planalto.

De imediato cortar o passo geral, mergulhar no abismo a uma velocidade estonteante, mas em auto-rotação controlada até recuperar a sustentação mesmo quase a tocar a copa das arvores e a partir daí continuar a rapar sempre até ao objectivo, forma mais eficaz de fugir à detecção por parte do inimigo, que quando nos ouviam, já só podiam comentar, “Chiii... avião qui passa já passou”.

Mas estamos em 21/ 08/ 1971 e nesta altura do campeonato não se pode dizer que ainda seria um “Xeca”, pois já lá iam oito meses de comissão, cerca de 125 horas de voo como mecânico e destacamentos em Muéda e Vila Cabral.

Mas o voo deste dia foi no sentido oposto ao Vale de Miteda, só que nas mesmas condições meteorológicas. Portanto fazendo o voo rasante, chamada “RAPADA”, como técnica mais adequada.

O objectivo era a Base Beira* na zona dos Paus, onde semanalmente, não me recordo já o numero de vezes, assegurávamos a logística, porque a única maneira de o fazer era por helicóptero, uma vez que a picada que passava por lá atravessava a zona dos Paus e foi imperativamente abandonada, pois tornara-se na picada da morte.

Ali se encontravam estacionados um destacamento reduzido de militares, que pertenciam à companhia de Nangade, nas mais péssimas condições de sobrevivência, em buracos feitos no chão cobertos com sacos de terra como autênticos abrigos de combate ou trincheiras. E na verdade, nos poucos meses que durou este destacamento todos os dias sofreram ataques.

O piloto era o furriel Cardoso “NIPON”, bem conhecido pela sua perícia e audácia, qualidades na prática comuns a todos os que formavam a esquadrilha, mas quando me refiro assim ao “IKO” o Cardoso, quem o

conheceu sabe que não estou a exagerar e bem o demonstrou nesse dia perante os olhos daqueles que vinham no Helli.

Ao sobrevoarmos a picada em voo rasante, não mais de 15 a 20 metros de altitude para não perdermos o rumo Base Beira - Muéda e depois descolarmos pela segunda vez da Base Beira já de regresso, com apenas alguns segundos de voo, foi tão instantâneo, que parecia que em cada lado da picada havia uma daquelas rampas de lançamento de fogo de artifício, tal a quantidade de roquetes e balas tracejantes. O Helicóptero ficou cravejado, cerca de 14 tiros acertaram no alvo, por sorte nenhum róquete acertou, ou teríamos sido abatidos. Mas foi aí, que vi, o que uma máquina daquelas poderia fazer com um piloto experiente e com tanta audácia. Depois da surpresa do ataque, instantaneamente inverteu o sentido do voo do Helli saindo de cima da picada, rodopiando sobre as árvores, chegando mesmo a voar mais baixo e por entre as suas copas num autentico voo de loucos, pois não podíamos tomar altitude ou seríamos abatidos. Ainda me recordo bem, naquele momento de nervos, o “IKO” me gritar: Serrano, vê as minhas pernas, devo ter sido atingido, pois tenho as pernas a tremer...respondi; - não tens nada, continua, está tudo bem, não há feridos. Passado um ou dois minutos, pois foi tudo muito rápido, estávamos a aterrar novamente na Base Beira; aí, de imediato, atirei-me para o chão, pois o som dos rebentamentos era ensurdecedor, mas não vi, que os outros militares fizessem o mesmo, então disseram-me que não havia perigo, pois era fogo dos nossos morteiros a bater a zona, porque tinham ouvido a nossa emboscada e já estavam a preparar um grupo para nos ir procurar, porque deixaram de ouvir o barulho do Helli após a emboscada e pensaram que tínhamos sido abatidos.

Costuma-se dizer, que no meio de tanto azar ainda tivemos alguma sorte, pois com 7 pessoas a bordo ninguém ficou ferido nem beliscado, só que para infelicidade dos militares, que trazíamos connosco, 4 soldados e um capitão do exército, tiveram que ficar ali mesmo até serem evacuados por outro Helli e dois deles já vinham bastante doentes.

Entretanto comunicamos com Mueda a pedir protecção, veio o Helli Canhão e um T 6. – Vi as possibilidades que tínhamos de trazer o helicóptero a voar até Mueda e deslocamos, sempre com protecção de um a cada asa, não fosse o diabo tecelãs. Á chegada a Mueda houve um pequeno incidente, não tínhamos sistema de travagem, pois um dos tiros furou um tubo de óleo e ao rolarmos na placa já com já com o rotor quase parado, batemos noutro Helli que estava estacionado e partimos um vidro da porta, vá lá, do mal ao menos.

Depois de uma inspecção mais rigorosa, deu-se o Helli inoperativo, pois tinha a estrutura furada.

Ainda bem que não trouxemos os militares, pois eram mais cinco e com esse peso poderíamos ter caído.

Amigos, desculpem mais esta seca em estilo de relatório, mas foi só para vos lembrar como fui abonado pela primeira de várias vezes, pois ainda me faltava a bela conta de 16 meses para o fim da comissão e até lá ainda correria muito sangue, suor e lágrimas.

NANAMUÉ Sempre!!!
Um abraço do Serrano.

* - Destacamento LITINGUINHAS

HISTORIAS DE VIDA

Findava o ano de 1971, e para mim a guerra colonial terminara. No dia 31 de Dezembro desse mesmo ano, passados que foram os dois de comissão a que os jovens de então se viam obrigados a cumprir, eu chegava finalmente a casa. Os meus compromissos assumidos anteriormente com a Força Aérea Portuguesa em 1968 levar-me-iam a ter de passar ainda mais dois fastidiosos anos de serviço militar na Base Aérea de Tancos, na Esquadilha de Manutenção de Helicópteros, até ver cumpridos religiosamente os seis do contrato a que me obrigara. A distância, bastante grande por sinal ao tempo entre a Base Aérea de Tancos e Esposende, a minha terra de origem, levar-me-iam a comprar o meu primeiro automóvel. Era um velho

mas garboso Morris Mini, que apesar dos seus 80.000 km, para mim seria sempre a menina dos meus olhos, já que nesse período de tempo jamais foi capaz de me deixar ficar mecanicamente mal. Apesar dos meus poucos recursos financeiros e para mais facilmente vencer o percurso Base – casa, casa – Base, a compra deste automóvel significou para mim uma autonomia financeira inigualável ao tempo, dado que não era qualquer pessoa do meu extracto social que possuía uma máquina daquelas. A minha casa de família, ainda hoje existente na Rua Direita, uma casa bicentenária, era habitada no que se denomina em propriedade horizontal familiar. No rés-do-chão moravam os meus pais e toda a família por sinal bastante numerosa. Dez filhos. No primeiro andar morava a minha tia Rosa a quem carinhosamente eu chamava de tia Rosinha, pois o diminutivo utilizado a quando das minhas visitas semanais, dava direito a uma recompensa condizente com o mesmo, apesar das suas magras possibilidades, originadas pela sua precoce viuvez. O meu orgulho com o meu Mini nos fins de semana seguintes não tinham limites e era directamente proporcional à expectativa que punha nas possibilidades de viagens ora de ida ora de volta, aproveitando para transportar alguns amigos de armas que com o seu contributo na viagem, cooperavam no pagamento desta minha aquisição. Aproveitando a visita habitual à Tia Rosinha não deixei escapar a oportunidade que se me deparava para lhe pedir um empréstimo substancial ao tempo, para abastecer o meu primeiro depósito de combustível, contribuindo ela desta forma também com o seu empréstimo para a minha primeira viagem. O Sá de Gandra, O Zé Amândio, o Solinho de Fão, o Carvalho da Apúlia e o Teixeira do Freixieiro, foram os companheiros de viagem durante longos fins-de-semana que me foram fazendo esquecer alguns compromissos a quem, a ferosidade da idade também não é de todo alheia. Com o tempo e as andanças, o namoro e as viagens, até as visitas à Tia Rosinha rarearam, e com a ligeireza característica da juventude, até a dívida para com ela foi esquecida. Mas é com as pessoas de idade que as grandes lições são aprendidas. E foi com surpresa minha que em certo fim-de-semana em que mais uma vez me preparava para regressar à Base sem fazer a habitual visita à tia Rosinha, motivada pela impossibilidade de saldar a minha dívida, fui por ela abordado à socapa, e as suas proverbiais palavras ainda hoje me martelam a consciência, pois foi com a sua singeleza característica que me disse: Meu filho, assim me tratava com carinho sempre que me encontrava, tenho sentido bastantes saudades tuas, tenho-te visto por aí, sei que tens vindo a casa, sinto-te o andar, mas apesar de vivermos debaixo do mesmo tecto não me tens vindo visitar. Quero no entanto que saibas que aquele dinheiro que em tempos me pediste, não foi emprestado, eu dei-to. É que, para mim é mais importante a tua amizade do que o dinheiro. Fiquei sem gota de sangue pela surpresa e procurei no decurso deste encontro, vislumbrar as desculpas habituais e disparatadas nestas circunstâncias, mas as respostas iam sendo atalhadas pela Tia Rosinha que ia sempre desvirtuando o empréstimo e valorizando a amizade existente entre nós, afirmando sempre ser para ela mais importante a perda do amigo do que a perda do dinheiro. Desde então não mais deixei de a visitar e lhe propor sempre a liquidação da minha antiga dívida, que a Tia Rosinha ia recusando religiosamente. Escusado será dizer, que desde então, e ao longo de toda a minha vida, não mais recorri a qualquer tipo de empréstimos financeiros, pois a história com a minha Tia Rosinha foi tida como uma verdadeira história de vida.

Manuel Maria Fernandes Ferreira

Esposende
2007-05-02

SITE NA INTERNET

O Abdul prometeu e cumpriu.

Já temos um sítio na Internet para consulta de tantas coisas que nos são queridas.

Não guardes para amanhã o que vais gostar de ver hoje, por isso liga-te a:

www.esquadra503.com

NANAMUE NA INTERNET

Mais um trabalho enorme do Abdul Osman e aí temos o Nanamue com sítio na Internet, que deves visitar em www.nanamue.com. Vai ao nosso bocadinho e revive um pouco das nossas coisinhas boas e que estão sempre presente, só que às vezes não nos lembramos.

DESCONTOS PARA TI

A VD MÁQUINAS Rua Dr. José Leite Vasconcelos, 7 em Setúbal Tel. 265539380 Fax 265539389, em máquinas e ferramentas aumenta unicamente 5% ao preço de custo de grossista. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A PNEULINDA LDA. Av Carolina Michaelis 18 A em Linda a Velha. Tel. 214194404 Fax 214198765, em pneus de todas as marcas faz preço de custo. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A SAVAUTO Autos e acessórios usados Quinta do Carmo, 4 B em Sacavém Tel. 219416314 Tlm. 919354089 (Raul Silva – Acelera), faz desconto de 50% em peças usadas e preço especial em viaturas usadas. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A ALMAQUE LDA. Rua dos Três Concelhos 16 em Penalva 2835-613 Barreiro (do António Carapinha, MMT), Tel. 212138112 Fax 212131033 Tlm 966038794, comercializa: Empilhadores, Porta paletes e Máquinas industriais, fazendo o desconto de 3% em equipamentos novos e 10% nos usados.

NA ALM AUTOMATISMOS E PORTAS SECCIONADAS, com sede em Fuzeta 4730-461 VILA DE PRADO (do Álvaro Martins) Tel./Fax 253927453 Tlm 938350868 podes obter diversos descontos, de acordo com os serviços solicitados.

A FUTURISTA DE CASCAIS LDA (do António Garcia) Trata de toda a documentação de condutores e automóveis – Inspecções médicas – Av. República 1439 loja 5 Terraços da Parede 2775-275 Parede Tel./Fax 214574619.

CARL, ARTES GRAFICAS, com sede em Bairro da Castelhana, Rua 18 de Janeiro, lote 275 S. João da Talha (Carlos Lourenço), diversos descontos em trabalhos gráficos e envelopagem. Tel. 219558515 / 935082605.

CENTRO GRAFICO DE COIMBRA (José Gomes) Rua do Barreiro, 72 a 78 Vila Pouca de Cernache 3070-753 CERNACHE Tel./Fax 239947565 Tlm 964061497 cgrafico@sapo.pt – Produtos e equipamentos para industria gráfica – Tipografia /Offset / Serigrafia e Tampograria - faz 10% desconto nos produtos e 20% chapas. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

Se a tua Firma pode colaborar em descontos para a rapaziada, coloca aqui o teu anuncio grátis, do qual todos ficaremos agradecidos.

**Redacção: Av. Carolina Michaelis 18 A 2795-048 Linda-a-velha
Tel./Fax 214198765**